

O “Reviver” Da Cultura Material Do Povo Akrãtikatêjê

Priscila Dias Pinto¹ ; Sheila Kaline Leal da Silva²

¹Priscila Dias Pinto, UNIFESSPA, 68502-260, Marabá-Pará, Brasil

² Sheila Kaline Leal da Silva, UNIFESSPA, 68502-260, Marabá-Pará, Brasil

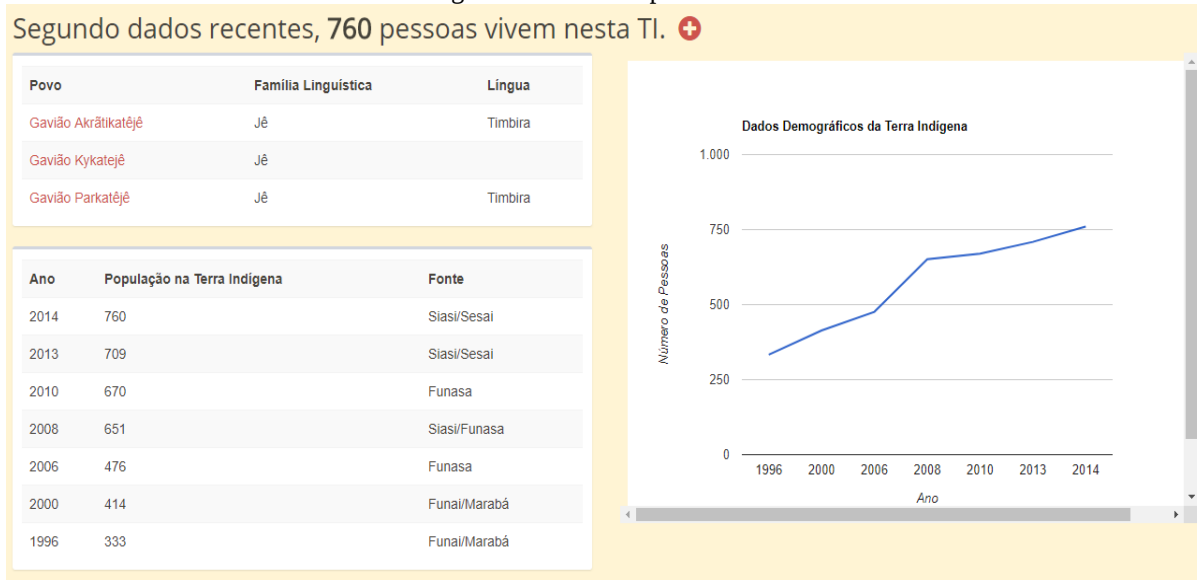
Palavras-Chave: Cultura material; Akrãtikatêjê ; Indígenas.

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da busca por materiais bibliográficos que pudessem nos auxiliar no entendimento do que já se tem produzido sobre a cultura material dos povos gaviões, nosso intuito central e o povo indígena Akrãtikatêjê, identificando as características da cultura material, e coletando todo o material produzido sobre este povo indígena, fazendo parte do projeto de extensão (PIBEX): *Conhecimentos tradicionais e científicos em via de mão dupla: cultura material, educação e identidade na e a partir da universidade*. O levantamento completo abrange temas como cultura material, identidade, educação, tronco jê e os gaviões.

Os povos indígenas Gaviões são compostos por três etnias: Parkatêjê, Kyikatêjê e Akrãtikatêjê, que englobam a Reserva Indígena Mãe Maria e fica localizada no Município de Bom Jesus do Tocantins, e é composta de uma área de 62.488,4516 hectares de terra. Como mostra a figura abaixo 760 pessoas vivem neta TI.

Figura 1: Índices do povo Gavião



Fonte: www.terrasindigenas.org.br

Atualmente esses povos ficam em uma única aldeia, depois de uma medida governamental, esses grupos acabaram formando suas próprias aldeias, mostrando que cada um desses três povos tem suas peculiaridades sejam elas em seus costumes, culturas entre outros.

Os povos gaviões tem uma história de resistência, durante toda a sua existência os mesmos travam lutas para se manter. Primeiramente o contato com os brancos que os levou a

quase serem exterminados, sejam pelas epidemias, extração de minério e madeira ou pelo avanço do agronegócio ou dos grandes projetos. Estes foram forçados a saírem de suas terras para a construção da Hidrelétrica de Tucuruí, e se encontram novamente ameaçados pela construção da Hidrelétrica de Marabá, onde o capital avança de forma voraz, o mesmo busca deslocá-los novamente para o progresso.

A transferência de todos os grupos locais para AI Mãe Maria permitiu a FUNAI constituir ali força necessária para o desenvolvimento de uma atividade chegou a fazer desse posto o maior produtor de castanha, no início da década de 70. O sistema de exploração econômica a que os Gavião estavam submetidos- como mão-de-obra coletora durou dez anos consecutivos : desde a transferência da “turma de Krohokrenhum” para Mãe Maria em 1966, até a gestão autônoma da safra de 1976. Durante esse período os gavião se recuperaram em termos demográficos , mediante a assistência proporcionada pela FUNAI. Em 1975, divididos em duas aldeias, eram 99 pessoas. (Ferraz: 1983, p. 65-67).

Durante o período que os Akrâtikatêjê conviveram com os Parkatêjê, e Kyikatêjê, não há muitas informações existem apenas citações destes em pesquisas que tratam sobre o povo gavião, durante a observação das pesquisas bibliográficas, não se vê, escritos específicos sobre o povo Akrâtikatêjê, uma pequena visibilidade desse povo e percebida depois que os mesmos formaram sua própria aldeia, pois antes a maioria das pesquisas abordavam as trajetória e as lutas enfrentadas contra os grandes empreendimentos, que muito tem interferido em sua cultura e existência, pouco se falava sobre as tradições especificamente Akrâtikatêjê, hoje encontramos um acervo maior sobre o povo Akrâtikatêjê, porém ainda é muito pouco diante de toda sua riqueza material e imaterial, durante esse levantamento não foi possível ter uma visão completa dos saberes culturais do povo Akrâtikatêjê, pois o povo Akrâ estavam inseridos juntamente com os Parkatêjê e Kyikatêjê e eram considerados da mesma etnia, e eram pensados apenas como povos Gavião, invisibilizando suas particularidades que são dotadas de simbologia e riqueza.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia utilizada neste trabalho, foi a pesquisa bibliográfica, para isso foram analisados, alguns dos trabalhos encontrados sobre a cultura material e de uma maneira geral e também foi feito um vasto levantamento bibliográfico, desta foram:

Dissertações de Mestrado: ALMEIDA, Fernando Ozorio de. O complexo Tupi na Amazônia Oriental; CRUZ, Daniel . Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO); FARIAS, Sandra. Antropologia e museus-reciprocidades: o caso do Museu do Índio; GOMES, Alexandre Oliveira. Aquilo é uma coisa de índio : objetos, memória e etnicidade entre os Kanindé do Ceará. PERNANBUCO; LINO, Jaisson. Arqueologia Gurani na Bacia hidrográfica no Rio Araranguá, Santa Catarina; VIANNA, Fernando Fedola de Luiz Brito. A bola, os “brancos” e as toras: futebol para índios Xavante; WANDERLEY, Elaine. É Pote de Parente Antigo! A Relação de Indígenas Apurinã da Terra Indígena Caititu com os Sítios e Objetos Arqueológicos, Lábrea/AM.

Teses de Doutorado: ASSIS, Valéria . Dádiva, mercadoria e pessoa: as trocas na constituição do mundo social Mbyá-Guarani; BARRETO, Cristina . Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia; SÁNCHEZ, Janina Moquillaza. Currículo intercultural: a arte como sistema simbólico cultural na escola de branco: um estudo a partir da arte na educação escolar, na aldeia tupi-guarani de Piaçaguera. São Paulo; SILVA, Sergio Baptista. Etnoarqueologia dos Grafismos 'Kaingang': um modelo para a compreensão das sociedades proto-je meridionais; SOARES, André. Contribuição à arqueologia Guarani: estudo do sítio Röpke.

Livros: CARVALHO, Aivone. O Museu na Aldeia: comunicação e transculturalismo no diálogo museu e aldeia; CURY, Marília Xavier. (Coord.) Questões Indígenas e Museus: Enfoque Regional para um Debate Museológico; SILVA, Telma Camargo (Org.). Ritzoko.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

(...), a história da antropologia não é, para o antropólogo, apenas um passado perdido ou ultrapassado, mas a inspiração para solucionar os problemas presentes, porque estes já foram enfrentados antes e, possivelmente, nem todas as soluções devidamente aproveitadas. (PEIRANO, 2006:88).

Mariza Peirano nos coloca, em termos antropológicos que em algum momento alguém tentou solucionar algum “problema”, mesmo que este não tenha sido bem sucedido, porem deixando um pré-estudo para um outro alguém da sequência, seja ela na mesma linha ou com um pensamento diferenciado, todo problema sempre terá uma solução.

Sobre a cultura material do povo Akrâtikatêjê, ainda temos pouca coisa catalogada, mais seguindo a ideia de (PEIRANO, 2006), todo problema tem uma solução, precisamos olhar com outros olhos os estudos acerca desta temática deste povo indígena, além do mais poucas pessoas da região norte buscam estudos sobre o povo indígena, na maior parte dos trabalhos escritos são pessoas que não são da nossa região, algo que devemos refletir sobre.

Dentre os objetos indicados pelos Akrâtikatêjê como marcadores de sua identidade étnica, destacam-se aqui quatro: o amijijaká, o Kuwê, a Kruwa e o kàhà (Figura 2). O amijijaká é um adorno feito de palha para usar na cabeça; esse objeto é usado principalmente pelos homens mais velhos entre os Akrâtikatêjê e pelos Gavião de modo geral; é um objeto comum também aos Kyikatêjê (FERNANDES, MASTOP-LIMA e BELTRÃO, 2009) e ao Parkatêjê (RICARDO, 1985).

Figura 2: Da esquerda para a direita: homens Akrâtikatêjê usando o amijijaká; kàhà; e Kuwê e kruwa para crianças e kruwa para uso adulto.



Fonte: Trabalho de campo.

O amijijaká é também um objeto usado para marcar a pertença étnica em situações de contato com a sociedade não indígena, como pôde ser observado na bibliografia especializada sobre os Gaviões, e mesmo em eventos como a I Conferência Local de Educação Escolar Indígena e 2ª Conferência Nacional de educação Escolar (CONNEI), que aconteceu na aldeia Pêptykre Parkatêjê, em fevereiro de 2017. O kuwê e a kruwa são também usados como marcadores étnicos em eventos e são usados diariamente por homens, mulheres e crianças nas aldeias Gavião. Em geral, as flechas são jogadas ao final da tarde, nos acampamentos das aldeias Gavião. Os arcos e flechas para os adultos têm cerca de 2m de comprimento e os das

crianças são menores. O kàhà é também um objeto muito usado pelos Akrâtikatêjê que, além de usá-lo para o transporte de diversos objetos pequenos, também o utilizam como objeto decorativo em eventos na aldeia.

4. CONCLUSÃO

A partir da pesquisa bibliográfica realizada percebeu-se que a cultura material do povo Gavião em geral e em particular dos Akrâtikatêjê é um campo de investigação em potencial, pois ainda não há estudos específicos sobre o tema. A cultura material de um povo indígena além de ser uma forma de arte (RIBEIRO, 1988) é um importante marcador de pertencimento étnico, usado em situações de contato intra e interétnicas. Neste item, indicar de forma objetiva as principais conclusões obtidas no trabalho, indicando sua relevância, vantagens e possibilidades de estudos futuros.

REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Rosani de Fatima; MASTOP-LIMA, Luiza de Nazaré; BELTRÃO, Jane Felipe (Orgs.). **Mejôkukrej. Conhecendo os artefatos Kyikatêjê**. Belém: Editora Universitária/UFPA, 2009. 29p
- FERRAZ, Iara. **Os Parkatêjê das mata do Tocantins: A Epopeia de um Líder Timbira** SP 1983.
- <http://justicanostrilhos.org/2014/04/01/hopryre-ronore-jopikti-payare-o-grande-chefe-do-povo-akratikateje/>. Acesso em 17/06/17
- <https://piib.socioambiental.org/pt/povo/gaviao-akratikateje>. Acesso em 17/06/17
- <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/terras-indigenas/3750#direitos>. Acesso em 17/06/17
- KRÔHÔKREHUM JÔPAIPAIRE, Toprãmre. Mëikwýtekjêri: **Isto pertence ao meu povo**. Marabá, PA: GKNORONHA, 2011.
- MIRANDA, Adenilson Barcelos . **Os “Gaviões da mata” : uma história de resistência timbira ao Estado** .
- PEIRANO, Mariza G. S. **Um Ponto de Vista Sobre o Ensino da Antropologia**. in GROSSI, M. et alli (org.). **Ensino de Antropologia no Brasil: Formação, práticas disciplinares e além fronteiras**. Blumenau: Nova Letra. 2006.
- RIBEIRO JUNIOR, Ribamar **Akrâtikatêjê: dominação e resistência na luta por seu território**.2014.
- RIBEIRO, Berta G. **Dicionário do artesanato indígena**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1988.
- RICARDO, Carlos Alberto. **Povos Indígenas do Brasil 8 sudeste do Pará (Tocantins)**. São Paulo: CEDI, 1985: Gavião pp. 52-99.
- SANTOS, Vilmar ferreira. **Reserva Mãe Maria: a construção do espaço físico e simbólico na aldeia dos Gaviões Parkatêjê**.2012.
- SOUZA, Marcela. **O traço e o círculo: o conceito de parentesco entre os Jê e seus antropólogos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.